

# POUCA CONFIABILIDADE NÃO COMPROMETE A IMPRENSA

Mário L. Erbolato  
( Professor do IAC/PUCCAMP )

No início de 1975, solicitei aos alunos de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas que estudassem o conteúdo dos jornais da cidade, seguindo questionário, discutido e elaborado em classe e que incluía dezenas de perguntas sugeridas e aprovadas pela maioria.

Quinze dias depois, uma das equipes, com surpresa, mostrava dois recortes sobre um mesmo acontecimento ( que na época mereceu destaque e ilustrações, mas que hoje talvez nem seria noticiado ). Na auto-estrada que liga Campinas ao seu distrito de Sousas, um Fusca colidira com animais que, à noite, se encontravam na pista e a ocorrência fora registrada na polícia.

Um dos jornais<sup>1</sup> divulgou o título na última página:

**Desastre na estrada de Sousas:  
Volks atropela e mata  
duas vacas. Ocupantes feridos.**

Logo acima, a foto dos animais, vendo-se também apenas parte das rodas do carro ( não se sabe se as dianteiras ou as traseiras ) e a legenda: **Um veículo destroçado e duas vacas mortas. Os dois ocupantes do Volks ficaram feridos.**

Outro dos matutinos, do mesmo dia<sup>2</sup>, trazia o título em duas colunas:

**Volks pegou 2 bois.  
Motorista teve que  
lutar com o animal.**

Na ilustração, os bovinos surgiram por inteiro e, em segundo plano, o veículo era mostrado em cerca de oitenta por cento, dando idéia dos enormes estragos que sofrera.

Os universitários estranharam as divergências nas duas matérias. Uma se referia a **vacas** e outra a **bois**. A primeira informava que os ocupantes haviam ficado feridos e a outra descia à minúcia de esclarecer que o motorista tivera que lutar com o animal. Se eram dois, como comprovavam as fotos, o texto deveria informar que a luta fora com um **dos animais**.

Ainda no primeiro ano, iniciando-se no estudo das técnicas de jornalismo, os estudantes mostraram descrença. Um deles, irônico, chegou a dizer que um bom repórter deveria pelo menos distinguir o sexo das reses. E, demonstrando desilusão, afirmou que não mais acreditaria, de imediato, em tudo o que lesse, pois passaria a analisar as notícias.

Até hoje não se revelou com qual dos jornais estava a razão. A dúvida persiste: o Volks matou bois ou vacas? A verdade, que não se procurou saber ( não houve desmentido ou retificação ), está no inquérito policial ( aberto porque houve pessoas feridas ) ou nos assentos do proprietário do rebanho, que deve ter dado falta das duas cabeças.

Quanto à divergência jornalística, explica-se facilmente. O atropelamento ocorreu à noite ( minutos antes do fechamento das edições ), o repórter e o fotógrafo devem ter tido pouco tempo para observar o local, descrever a cena e obter informações. E, por ser escuro a estrada, só faróis de automóveis e flashes das máquinas fotográficas é que permitiriam, com certa dificuldade, saber se no asfalto estavam estendidos bois ou vacas...

### **As populações são desinformadas**

Apesar do desenvolvimento da informática, da aplicação das fibras óticas para transmissão de mensagens a distâncias, a maior parte da população do mundo é desinformada. A comunicação, transmitida com velocidade absoluta e caracterizada pela variedade dos assuntos, se circunscreve a grupos relativamente pequenos, mesmo nos centros de maior concentração populacional.

Existe como que uma filtragem do que se vem a saber ( ler ou ouvir ), que passa por várias etapas, cada qual reduzindo o número de assuntos. Primeiro, a escolha efetuada pelas fontes ( agências noticiosas, repórteres, correspondentes e sucursais ). Segundo, a orientação de cada jornal, coerente com a sua política redacional e o espaço com que conta. Terceiro, o interesse maior, menor ( ou nenhum ) do leitor, dos ouvintes e dos telespectadores.<sup>3</sup>

## O analfabeto, o rádio e a televisão

É importante levar em consideração o analfabetismo, que impele o indivíduo a recorrer ao rádio ou à televisão, que têm noticiário mais ameno, tranquilizador, não crítico e falho ( não por deficiência dos jornalistas, mas por temor de punições aplicadas pelo Ministério das Comunicações, com base no Código Nacional de Telecomunicações ).

Em 1979 – quando já existia o Mobral afirmava-se que o número de analfabetos no Brasil era de 11,1% da população. O censo efetuado em 1980 mostrou que essas cifras não correspondiam à realidade. Se em 1970 o país possuía 18.146.801 analfabetos ( 33,6% ), em 1980 o número aumentou para 18.713.730, caindo porém o percentual para 25,4%. As estatísticas oficiais demoraram a refletir a realidade brasileira<sup>4</sup>. Na América Latina, segundo a agência DPA ( Deutsch Press Agentur ), 43.032.591 pessoas não sabem ler e escrever.<sup>5</sup>

O problema do analfabetismo, contudo, não é apenas do Terceiro Mundo. A *Folha de S. Paulo*<sup>6</sup> afirma que os países desenvolvidos também sofrem com essa situação e dá detalhes: “Nos Estados Unidos, por exemplo, um estudo publicado em 1970 pela agência de pesquisas Louis Harris Poll e financiado pelo National Reading Center revelou que 18,5 milhões de norte-americanos de dezesseis anos ou mais eram funcionários analfabetos, tendo sido usado o critério da aptidão para ler e responder a perguntas sobre o conteúdo de um jornal, utilizar uma lista telefônica, preencher corretamente formulários variados ( solicitação de empregos, previdência social, contas bancárias etc.), preencher um cheque, compreender um horário de ônibus etc.

Uma pesquisa semelhante realizada de 1971 a 1977 pela Universidade do Texas, utilizou critérios que privilegiavam a vida cotidiana: calcular o consumo de gasolina de um carro, dar troco sem se enganar, compreender as deduções sucessivas de sua ficha de pagamento etc., e concluiu que a falta desses conhecimentos atingia de 15 a 20% dos norte-americanos de língua inglesa. Foi esta última pesquisa que chamou a atenção dos meios de comunicações e do público norte-americano, adiantando o número de 23 milhões de iletrados funcionais. Esse total aumentaria anualmente em 2,5 milhões, segundo o serviço de imprensa da Casa Branca. E são um dos argumentos utilizados pelas autoridades norte-americanas para promover uma mudança no sistema do ensino público nos Estados Unidos, mudança que até agora não apresentou os resultados esperados”.

### A imprensa dos Estados Nordestinos

De acordo com Carlos José Garcia, chefe da Sucursal de O Estado de S.Paulo em Recife<sup>7</sup> em nove Estados Nordestinos ( Maranhão,

Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), circulam diariamente 34 jornais. Admitindo-se os números que esses jornais afirmam imprimir em cada edição, chegamos a uma tiragem média de 280 mil exemplares. A população total da região é de 36 milhões de pessoas, das quais 30 milhões têm mais de 15 anos de idade. Destas, apenas 11 milhões são alfabetizadas. Isso significa que apenas dois por cento dos nordestinos alfabetizados compram jornais. De acordo com publicação da Unesco, no final da década de 60, na África, esse número era de três por cento. Prossegue Carlos José Garcia<sup>8</sup>: "As principais características dos jornais nordestinos são a pobreza gráfica e a falta de independência na escolha dos assuntos editados, o exagero de opiniões expressas em artigos assinados e o grande espaço dedicado às colunas sociais. Quase todos os jornais têm mais de um colunista escrevendo sobre futilidades, existindo mesmo um jornal que dedica toda a sua terceira página a esse tipo de informação e outro onde diariamente escrevem cinco cronistas mundanos. Os jornais nordestinos apresentam como matérias principais com destaque na primeira página, informações de interesse dos governantes estaduais, numa prova da ligação existente entre imprensa e governo na região."

#### **Jornal: terceira mídia de massa**

Apesar do alto índice de analfabetos, o jornal é a terceira mídia de massa, com boa penetração em todas as camadas da população, segundo revela uma pesquisa da DPZ para a Associação Nacional dos Jornais.<sup>9</sup> Para grande parte dos leitores, o jornal é uma fonte fundamental de informações, tanto que salvo o pico do domingo, a média dos que lêem regularmente é de 30%. Entre os meios disponíveis – concluiu a DPZ – o jornal é o mais cotado como fonte de informação sobre investimentos. Dos pesquisados, 44% apontaram o jornal como principal orientador, seguido de gerentes de banco (25%), televisão (14%), revistas (9%), rádio (8%) e, por último, revistas especializadas (3%). O jornal continua mantendo sua penetração maior junto ao público masculino. Em uma população, como a do Brasil, composta por 48% de homens e 52% de mulheres, se observa uma tendência contrária entre os consumidores de jornal: 56% dos leitores são homens. Do total<sup>10</sup>, 22% possuem nível superior, para uma população com 14% apenas de pessoas nesse estágio. Com o colegial completo são 58%. Vinte e seis por cento dos leitores completaram o ginásio e 29% possuem apenas o primário.

Por outro lado, estudos do professor José Marques de Melo<sup>11</sup> revelam que, considerando-se as três últimas décadas, verifica-se que ocorreu uma espantosa regressão do consumo diário de jornais. As estatísticas do IBGE registram flutuações nas tiragens dos nossos cotidianos, mostrando que o brasileiro cada vez menos lê jornais. No início

da década de 50 havia uma proporção de 10,6 jornais diários para cada 100 habitantes em todo o país. Essa média caiu para 5,4 no início da década de 60, baixando mais ainda no início de 70, quando o índice chegou a 3,5 jornais. As estimativas atuais sugerem que a situação permanece quase inalterada, não obstante a ligeira progressão registrada nas tiragens, no início de 80.

### **Interesses informativos individuais ( ou de grupos )**

Se há tantos meios de comunicação social disputando lideranças, fazendo promoções, tentando vender ao máximo os seus exemplares ou as suas programações, como explicar os relativos baixos índices de leitura e de audiência? Talvez porque os interessados procurem somente os assuntos a eles ligados e não os temas gerais. Ou será em virtude de muitos não saberem ler e nem mesmo compreender o que ouvem ou vêem? As visões de cada grupo variam, inclusive em mesmas empresas, repartições públicas ou clubes.

Dou, aqui, um rápido relato da experiência que vivi e que confirma a diversidade de preferências. Além de exercer o jornalismo, trabalhei durante mais de trinta anos, na Secretaria da Câmara Municipal de Campinas, onde me aposentei como Sub-Diretor Geral. Os funcionários, em seus contactos burocráticos, ou durante as reuniões no café, comentavam as atividades dos vereadores, os projetos em andamento, as possibilidades ( ou não ) de vetos pelo prefeito a projetos polêmicos e chegávamos a pensar na repercussão que ocorreria em toda a cidade, a propósito de um debate ocorrido na véspera, em plenário.

Pensávamos que toda a população de Campinas, tanto quanto nós, procurava inteirar-se minuciosamente sobre a Câmara Municipal. Passei à inatividade ( aposentei-me ) como funcionário municipal e continuei apenas no magistério ( na PUCCAMP ) e no exercício do jornalismo. Deixei de ler o **Diário Oficial do Município** que só circula internamente nas repartições. A imprensa local alterou seus métodos de trabalho, passando a se referir às sessões da Câmara não no dia seguinte àquele em que elas se realizam, mas com intervalos maiores, a menos que algo de excepcional venha a ocorrer.

De funcionário de um Poder Legislativo ( denominação que muitos contestam, por entenderem que a Câmara apenas aprova posturas e não leis ), passei a ser unicamente um desconhecido cidadão do povo. Agora ignoro os processos em tramitação, as concorrências abertas, as mensagens de rotina do prefeito, as explicações de líderes de bancadas e inclusive deliberações que me beneficiam economicamente, tais como reajuste dos proventos.

Compreendo, hoje, que se a imprensa, por razões que sempre devem ser respeitadas, não se referir a uma posição da Câmara Municipal ou de qualquer de seus membros, eu e os demais campineiros, nada ficaremos sabendo. E esse era o **meu mundo**, que eu conhecia com as palmas da mãos !

Se levar à comunidade as informações referentes apenas a um segmento dela ( e de importância ), como a Câmara, já é difícil, como se deverá proceder para que todos se inteirem, ao máximo que for possível, do **universo** local, estadual, nacional ou mundial, de que fazem parte ? Quantas vezes um aluno deixa de entregar um trabalho, alegando ignorar essa obrigação, porque faltou à aula em que o tema foi distribuído ?

### **Novelas alteram hábitos e consomem energia**

A televisão, porém, domina. Pelo menos algumas de suas redes. Depois que estreou a novela **Roque Santeiro**<sup>12</sup> técnicos da Eletrobrás enfrentam diariamente um pique inesperado de consumo de energia, após cada capítulo, recorde de audiência. Para enfrentá-lo, as usinas hidrelétricas aumentam suas potências na região sul do país, jogando mais de um milhão de quilowates nas redes de distribuição e transmissão. Após assistirem à novela, os telespectadores se dispersam, alguns permanecem frente aos televisores, enquanto outros se dirigem a vários compartimentos da casa, ligando as luzes ou tomando banho, o que amplia o consumo de energia elétrica. Os técnicos da Eletrobrás perceberam esse pique, pois as luzes piscam e ficam amareladas, devido à sobrecarga. O pique<sup>13</sup> de consumo de energia, inesperado para os técnicos, só está sendo suprido porque ocorre no horário noturno, quando as indústrias já operam em menor escala. Se fosse em outro horário, a situação se complicaria.

**Roque Santeiro**, lançada ao ar, após permanecer censurada durante o regime militar, exerce influências notáveis que vão além das ameaças de **black-outs**. Os capítulos de ontem e o que será passado hoje são comentários em todas as camadas sociais. Contrariando a lei, essa novela **inspirou** o funcionamento "com fins beneficentes", durante dois dias, de um cassino ( com vários jogos, inclusive de roleta ), com o nome de **Noites em Asa Branca** ( cidade onde se desenrola a história da telenovela )<sup>14</sup>.

O Ministro Fernando Lyra, da Justiça, a par de seus despachos, exames de processos e audiências, passou a dedicar o tempo que for necessário, para avaliar e julgar sugestões de cortes de cenas de **Roque Santeiro**. Não por iniciativa própria, mas devido a protestos pela supressão de dois encontros amorosos...

Coriolano Fagundes Loyola, chefe da Divisão de Censura da Polícia Federal, recebeu ordens para liberar o beijo em qualquer

circunstância, “pois insinuação de sexo não é o ato em si”.<sup>15</sup> A tesoura havia funcionado quando Lulu ( a belíssima atriz Cassia Kiss ) deveria beijar Ronaldo Sérgio ( o ator Othon Bastos ), personagens casados, mas não um com o outro... Definiu-se, após esse episódio, que o beijo em mulher casada, por quem não seja o seu marido, não é adultério mas, no máximo, uma leviandade. Coriolano Fagundes Loyola<sup>16</sup> admitiu que não serão eliminadas cenas que apenas insinuam atos sexuais, como, por exemplo, “quando o casal entra no quarto, fecha a porta e depois reaparece se vestindo”. E disse mais: o casal não pode surgir na cama, em pleno ato. Prevaleceu o critério, segundo o qual, adultério é o flagrante do nu com a nua no mesmo leito, a que se referiam os romanos...

### Alta audiência do horário político em uma só emissora

**Roque Santeiro** alcança a média de 66 pontos de audiência, pela Rede Globo. Depois, os programas mais assistidos na Grande S. Paulo são da SBT: Show de Calouros, Qual é a Música e/ou Porta da Esperança, em torno de 21/20 ou 18 pontos. Nas demais emissoras paulistanas, excelentes programações não passam dos índices 1, 2, 3, 4, 6 ou 7. A preferência seria pela Globo ou pelos programas ? Um pormenor para a orientação do leitor: o Horário Político Gratuito, transmitido em cadeia, nos mesmos horários, teve de 7 e 13 de outubro de 1985, nada menos que 47 pontos na Globo, mas não figurou em qualquer outra estação, entre os três de maior audiência. Os números foram fornecidos pela AUDI-TV e divulgados pela Folha de S. Paulo.

### Diários oficiais... “particulares”

Sem ser possível precisar a data, começou a surgir um novo tipo de jornal no interior, que jocosamente classificaríamos de **diários oficiais particulares**. São semanários ou biebdomadários, alguns bem diagramados e com impressão atraente, edições entre oito e doze páginas, que têm como fonte maior de receita os cofres estaduais.

Fizemos a análise de um desses periódicos. Nos 7.038 centímetros quadrados (excluído apenas o nome-título da primeira página), a edição divulgou apenas quatro anúncios. Dois sobre hotéis (totalizando, ambos, 70 centímetros quadrados), outros reunindo vários **classificados** (uma coluna por nove centímetros de altura) e mais dois maiores. O primeiro, de apoio ao candidato do PMDB à Prefeitura de S.Paulo (toda a largura ao pé da página por sete centímetros) e o segundo (bastante conhecido na época), com o título **Para seu filho colorir e você ficar sabendo**. O último, da série **Melhor Ensino para Todos**, do Governo Montoro, tinha quatro colunas por 23 centímetros.

Nada impede que um veículo de comunicação obtenha publicidade oficial. É parte da rotina das solicitações para a cobertura dos seus gastos. O que impressiona é que o jornal (cujo nome omitimos, por

motivos éticos), preocupa-se bastante com a política estadual. No exemplar examinado, noticiava o lançamento, no Palácio dos Bandeirantes, “do maior Plano de Obras rodoviárias”, de novos recursos para estradas vicinais, trazia quase meia página de entrevista com o candidato situacionista à Prefeitura paulistana e informava sobre novas linhas de transmissão da Eletropaulo. Na seção **Cartas**, um elogio pelo início do asfaltamento de uma estrada ( com “histórica gratidão para o Governador e o Prefeito” ). Fugindo à política, um artigo sobre folclore, outro abordando a medicina popular e o terceiro, uma pequena crônica.

A previsão orçamentária para os gastos de publicidade do governo Montoro em 1985, era de Cr\$ 96,7 bilhões e muitos jornais do Interior têm sido contemplados com anúncios institucionais, comunicados, estatísticas e esclarecimentos. Alguns, que dependem do dinheiro oficial para se manterem, se receberem várias colaborações, umas de jornalistas profissionais e outras de colaboradores que sejam deputados ( ou seus assessores ou chefes de gabinete ) não terão dúvida em preferir as dos políticos. O elogio e a crítica sempre favorável chegam com facilidade aos leitores. Seria uma forma de agradecer a quem intermediou a concessão da publicidade que, repetimos, é honesta e nada desmerecedora. Mas sem que implique em comprometimentos.

Esse é o início ( e há também verbas federais, autárquicas e de prefeituras ) para uma série de inconvenientes que atingem o profissional do jornalismo: a) só poderão falar bem do governo, enquanto continuarem a ser distribuídas as matérias oficiais pagas; b) valorização indevida do **press-release**, de apoio incondicional às autoridades; c) diminuição do mercado de trabalho, pois dois terços ou mais do espaço redacional são ocupados com artigos e comunicados gratuitos que não dependem de colocação na Redação nem de títulos ou de intertítulos pois já vêm com eles; d) padronização dos jornais, que passarão a ser quase idênticos; e) abandono da luta pelas reivindicações dos moradores da região; f) desaparecimento gradual do jornalismo investigativo, que exige criatividade.

### **Ninguém é infalível**

Voltemos ao caso dos **bois** ( ou das **vacas** ? ) com o qual iniciamos este artigo. Tudo fizemos, naquela ocasião, para explicar aos alunos que o jornalismo – como qualquer profissão – não é infalível. Doentes submetidos a cirurgias rotineiras nem sempre sobrevivem. Prédios mal construídos ( erros de cálculo ou emprego de material de péssima qualidade ) apresentam rachaduras e têm que ser abandonados compulsoriamente pelos moradores. Experiências durante anos feitas em cobaias não apresentam resultados positivos quando o remédio é aplicado no ser humano. O homem é falível e o jornalista não poderia deixar de sê-lo.

Empenhei-me em colecionar **Notas da Redação** e **Cartas dos Leitores** além de explicações espontâneas de vários jornais. Nenhum deles deixa de confessar erros. As retificações se referem a legendas de clichês trocadas, a cargos erroneamente atribuídos a entrevistados, a datas que eram outras, a trechos de notícias ou artigos que saem truncados e a declarações supostamente atribuídas a quem não as disse ao repórter como foram publicadas.

No início de 1983, quando a equipe de alunos que se mostrava descrente já havia se diplomado, a revista **Veja** divulgou uma pesquisa do Instituto Gallup<sup>17</sup> revelando que, diante de uma lista de treze instituições e ramos de atividades públicas, a imprensa se colocara em oitavo lugar com um nível negativo de confiança, de 13 pontos.

Miguel Jorge, editor de **O Estado de S. Paulo**,<sup>18</sup> comentando esses resultados, afirmou que “os jornalistas vivem isolados da comunidade, superestimam o desejo de notícias sensacionalistas, rejeitam críticas públicas e rejeitam a pesquisa como forma de medir a confiabilidade”.

Em 27 de abril de 1983, **Veja** publicou uma **barriga** ( notícia não verdadeira ), informando, baseada na revista **New Scientist**, que na Europa, técnicos haviam cruzado células vegetais com outras, animais, resultando o **boimate**. Seria um tomate com super-propriedades, mas somente fruto de uma brincadeira do tradicional primeiro de abril, desmentida por **Veja**.

Janet Cooke, do **Washington Post**, ganhou em 1981 o Prêmio Pulitzer ( um dos mais cobiçados ), com uma reportagem sobre um menino de 8 anos de idade, viciado em drogas, incentivado pela mãe e a avó, que também consumiam a heroína. A reportagem — descobriu-se logo — não passava de ficção. Fora um logro. A autora renunciou ao prêmio e demitiu-se do jornal, que ainda pediu públicas desculpas por haver sido atingido em sua credibilidade, que “considerava o seu mais precioso patrimônio”.

À chegada do Papa ao Brasil, em 30 de junho de 1980, **O Globo** lançou uma edição extra, com uma foto de João Paulo II beijando o chão, levando a supor que se tratava de chapa batida após descer do avião, na base militar de Brasília. A foto, porém, era de outra viagem, devidamente retocada, para dar a impressão de verdadeira. Um detalhe a denunciaria. Em **O Globo**, o Papa estava com o solidéu sobre a cabeça, enquanto que as imagens transmitidas pela televisão o mostravam sem ele, que fora levado pelo vento.

O erro tem pernas curtas e, no jornalismo, ninguém está livre dele, consciente ou inconscientemente.

Raríssimos acontecimentos terão tido a repercussão da doença do presidente Tancredo Neves. O povo, ao mesmo tempo que desejava a sua cura, rezava pelo seu restabelecimento, atento aos **flashes** das emissoras de rádio. Poucos acreditavam nos boletins oficiais, seja pela linguagem técnicas, seja porque eram lacônicos. Inicialmente falou-se em diverticulite, quando o paciente possuiria um tumor. Os jornalistas mentiram? Não. Basearam-se no laudo correspondente ao exame macroscópico da peça. Antonio Britto 'porta-voz de Tancredo Neves' transmitia aos repórteres as notas oficiais.

A verdade é uma só e não pode ser escondida. Em relatório datado de 20 de abril de 1985, em Brasília, DF, o médico patologista Hélcio Luiz Mizziara ( CRMDF – 034 ) escreveu<sup>19</sup> que após examinar a peça ( material retirado do doente Tancredo Neves ) entregou o laudo ao Dr. Pinheiro da Rocha e este encaminhou uma cópia à família Neves. No dia seguinte houve uma reunião, da qual participaram os drs. Renault Mattos Teixeira, Gustavo de Arantes Pereira, Tancredo Augusto Neves e Antonio Britto. Diz textualmente o relatório<sup>20</sup>: "Nesta reunião sentimos que naquele momento e devido às circunstâncias e os comentários que já envolviam o público e a imprensa, seria mais prudente não divulgar o laudo, visto que se tratava de um tumor, muito embora benigno, mas que poderia causar um impacto e boatos dos mais desagradáveis. Ficou resolvido e nós concordamos que seria feito um outro laudo com o diagnóstico de Diverticulite mantendo portanto, a impressão clínico-cirúrgica. Naquele momento não houve imposição de quem quer que fosse, e nem caberia tal atitude. Foi apenas um entendimento em que nós, médicos, concordamos e com o qual o Dr. Tancredo Augusto também aceitou, ressaltando que a família nos deixava totalmente à vontade e dizendo repetidas vezes que não queria interferir nas decisões médicas. Nós assumimos total responsabilidade pelo laudo falso, visto que dentro das normas éticas que regem a Sociedade Brasileira de Patologistas, tal procedimento encontra amparo legal porque na maioria das vezes representa uma atitude humanitária". E os jornais foram acusados de terem mentido...

Em 1984 a revista **Stern**, da Alemanha, anunciou haver encontrado sessenta cadernos manuscritos, que eram o diário secreto de Hitler. Na primeira publicação ( que seria feita em série ) foi batido o recorde de tiragem. Os direitos de reprodução foram vendidos por Us\$400mil ao **Sunday Times** ( Londres ), ao **Paris Match**, ao **Panorama** (seminário italiano), ao **Boston Herald** e a **Newsweek**. Os documentos eram falsos e a publicação imediatamente foi suspensa.

Retornemos à pesquisa do Instituto Gallup. As respostas dos entrevistados admitiram o seguinte sobre a imprensa brasileira: a) ela às vezes altera ou distorce um pouco as notícias e os fatos (52%); b) sempre

altera os fatos e as notícias (36%) e c) publica os fatos e as notícias exatamente como acontecem (6%). Seis por cento não quiseram opinar.

Não pretendo aprofundar-me na questão, principalmente porque a pesquisa esteve a cargo de uma organização capacitadíssima e de elevado conceito. Mas como entender-se que a televisão tivesse obtido 28 pontos negativos ( contra os 13 da imprensa ) e tantos brasileiros a ela sejam fiéis ? Talvez porque uma das características desse meio audiovisual seja o lazer e, com ele ( exemplo típico são as novelas ) divulga-se mais o ilusório, o inverossímil, o fantástico, o inesperado, o estapafúrdio.

Os entrevistados eram 21% de pessoas das classes A e B e 79% das demais. Dos pesquisados, de diferentes faixas etárias, 36% residiam nas capitais, 28% em cidades com mais de 50 mil habitantes e o restante em centros de até 50 mil moradores, "representando toda a população brasileira".

### Valorização do jornalismo impresso

Deve-se lutar para que haja preferência pela imprensa. Os erros podem ser diminuídos, ainda que nunca eliminados. O esclarecimento de um lapso na edição mais próxima ajudará a obter a confiança dos leitores. A transferência (mudança) do telespectador e do radiouvinte para a leitura — mesmo que a princípio de jornais comunitários, ou de boletins, será um tanto demorada.. Primeiro ter-se-á ( quando preciso ) que ensiná-los a ler e depois interessá-los no conteúdo da imprensa. A união e luta dos jornais deveriam ser permanentes, em campanhas para o aumento de suas tiragens.

O jornal impresso não desaparecerá. Ele até crescerá em índices, no Brasil, concorrendo com o rádio e a televisão, que lealmente devem ser enfrentados com estratégias de marketing.

### NOTAS E BIBLIOGRAFIA

- (1) Correio Popular. Campinas. 3 de abril de 1975. Última página.
- (2) Diário do Povo. Campinas. 3 de abril de 1975. Última página.
- (3) Para leitura complementar, veja-se *Obstáculos à Verdade e ao Conhecimento, in Deontologia da Comunicação Social*. Mário L. Erbolato. Petrópolis. Editora Vozes, 1982.
- (4) França, Marta San Juan. Mundo terá 900 Milhões de Analfabetos até o Ano 2000. In *Folha de S.Paulo*. S.Paulo. 20 de outubro de 1985. Pág. 33
- (5) Ver item 4.
- (6) Ver item 4.
- (7) Garcia, Carlos José. No Nordeste só 2% dos alfabetizados lêem jornais. In *Nº Um, Jornal do Jornalista*. Ano I. Nº 1. Brasília, Março de 1985.
- (8) Ver item 7.

- (9) Almeida, Ednéia de. Jornais. Números comprovam penetração massiva. In Meio & Mensagem. S.Paulo. Nº 173. 9 de Setembro de 1985. Pág. 14/15.
- (10) Ver item 9.
- (11) Melo, José Marques de. Para Uma Leitura Crítica da Comunicação. Edições Paulinas. S.Paulo. 1985. Pág. 50.
- (12) Roque Santeiro cria problema todo dia. In Jornal do Brasil, de 18 de setembro de 1985.
- (13) Ver item 12.
- (14) Nas 'Noites em Asa Branca', Brasília joga a sorte no cassino. In Folha de S.Paulo. S.Paulo 19 de novembro de 1985. 1ª pág.
- (15) Censura libera beijo em Asa Branca e vai ter de submeter cortes a Lyra. In Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. 25 de outubro de 1985. Pág. 5.
- (16) Ver Item 15.
- (17) A Imprensa Julgada. Veja, S.Paulo. 11 de abril de 1984. Pág. 42.
- (18) Ver item 17.
- (19) Britto, Antonio. Assim Morreu Tancredo. Depoimento a Luís Claudio Cunha. L & PM Editores. Porto Alegre. 7ª edição. Pág. 192/193.
- (20) Ver item 19.